

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1234	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6050	120	<b>10 de Abril de 1913</b>	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.</p>
Possessões ultramarinas (idem) .....	4\$000	2\$000	6050	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6050	120		



O NOTAVEL VIOLONCELISTA JOÃO PASSOS — Veja artigo *Concertos*

(Cliché Alberto Lima)





NO TRIBUNAL MARCIAL DE LISBOA  
O JULGAMENTO DE D. CONSTANÇA TELLES DA GAMA  
O PRESIDENTE SR. CORONEL ANDRADE JUNIOR  
E O AUDITOR SR. DR. MARIO CALIXTO

D. Constança Telles da Gama

## CRONICA OCCIDENTAL

No dia 1 do mês decorrente, manhã, uma multidão ansiosa borborinhava estranhamente pelas ruas que convergem ao Tribunal de Santa Clara. E' que era ali, com imponencia marcial, naquele dia de primavera enevoadada, que tinha termo e resolução o processo que por longos e dolorosos meses vinha instaurando-se á bondosissima e ilustrissima Senhora D. Constança Teles da Gama.

Ao meio dia, o tribunal era literalmente pleno. Aqui, ali, de todos os cantos da grande sala, as atenções surgiam num murmurinho confuso. A assistencia era selectissima.

E decorridos alguns minutos de expectação, a generosa Dama entrava, sorrindo, e tomava assento na sua cadeira de acusada...

Acusada?!

Ah! Como todos estes factos tristissimos que se vão tecendo e desenrolando desastrosamente Portugal em fóra, symptomatizam uma época de instabilidade de espiritos torturados e consequente desequilibrio social, nos tentam apeiar do pedestal de esperança onde nos erguêramos, e alastram uma sombra persistente de magoa na alma que só desejaria amar e viver a boa sorte com que a Natureza dotou este lindo País!

Podemos nós, com estes factos de funestissimas consequencias, inculpar individualmente ou colectivamente, alguém? Ah! Não.

Bem quizeramos nós encontrar esse *alguém*, essa hidra venenosa, essa terrível solitaria que vai corroendo vorazmente o nosso organismo, para sobre ela descarregar toda a nossa ira, toda a força da nossa cólera e desprezo. Bem quizeramos nós...

Nós — meus queridissimos amigos — que alevantamos bem alto, bem acima do charco infeccioso, a Consciencia, sãmente pura de todos os vermes-remorsos.

— Nós que ainda não tocámos com o

pé a lama onde se trava implacavelmente, gananciosamente, a luta mesquinha e inevitável, dos varios interesses que se cruzam adentro desta nacionalidade...

Mas — emfim — porque não exporemos nós uma opinião desassomburada e singela, despida dos *travestis* que as facções lhe impõem?

Os acontecimentos sucedem-se em Portugal com a vertigem do cavallo desbocado em furia e a inevitabilidade dum ciclone que se desencadeia. As causas, criadas de longa data, continuam a agir. E os efeitos vão surgindo...

D. Constança Teles da Gama foi plenamente absolvida.

Reconheceram-na, pois, absolutamente inocente? Sendo assim, na verdade, quem lhe poderá compensar as agruras sofridas, a dolorosa anciedade, o enxovalho, a insólita e mórbida reclusão em misera e mal-afamada céla do Aljube?

Como disse Antonio Osorio, o distinto advogado que, contra a expectativa de quem o não conhecia, não desmanchou na sua oração brilhante de defeza por um gesto menos correcto, por um truque facil e grosseiro de tribunicio, uma attitude cheia de nobreza e inteligencia — aquele monstruoso processo que teve um lado bom: iluminar bem intensamente, a generosidade, a coragem de D. Constança Telles da Gama.

Conhecida, venerada, bem-amada, eila, pois, a illustre senhora, em liberdade que bem poderá utilizar no consólo e afago da miseria — que muita ha e bem recolhida e humilde por essa terra além. Ha factos ainda, bem tristes, tão tristes — mais tristes! — a que poderíamos referir-nos.

Anda por ahi, nas gazetas, apontada á caridade peca e sêca do publico o nome gloriosissimo de Gomes Leal.

Como nós compreendemos bem, neste momento, a frase amarga que Zorrilla proferiu junto ao tumulo de José Lara: — «Os poetas são arvores de maldição que dão fructos abençoados!»

Poeta-principe — que pisava o asfalto

das avenidas, com o magnifico aprumo de dominadôr-encantado seguindo viactea em fóra, aureolado da nubelose de simpatia e carinho dos deuses imortais, — poeta-dandi — que ostentava cravo rubro na botocera e o chapéu alto que era na sua frente mitra solar de mil reverberos; — poeta-mago que tremeluzia nos dedos sonambulós, aos olhos malevolos do filisteu, pedrarias ofuscantes, em noites de bohemia e espirito, ás mêsas dos botequins. Oh Poeta divino — como tu deves recordar, talvez com saudade, com desânimo talvez, os dias aureos e pecaminosos da tua mocidade!

E nós visionamos-te, agora, no recolhimento da tua torre, bem intimamente, no santuario da alma, a rezar, baixinho, numa voz de interioridade profunda, num halito de espirito, os versiculos dessa desolada oração que intitulaste o *Velho Palacio*... E essa flôr de esperança que vegetava, humilima, secreta, *lavada dum luar branco de morte*, — já a tua Dôr Altissima a derramou audazmente e a espalhou num gesto de renuncia pelo Infinito?... Sim. Sim. Bem sentimos agora perpassar-nos na alma um arripio sagrado, uma vertigem de pavôr longinquo, um fremito de anciedade infinita, um cicio de duas Almas purissimas unidas — Monos e Una — que paravam extaticas e divinamente amarguradas ante o fulgôr intenso e extranho da tua Estrela.

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Na successão dos acontecimentos que merecem referencia nesta modesta secção do OCCIDENTE, deve inscrever-se a philantropica acção praticada pela genial artista Sarah Bernardt, que, ao fazer a sua *tournee* em S. Francisco da California, foi convidada para representar uma das peças do seu reportorio na grande

prisão de *Saint-Quentin*, perante dois mil encarcerados, entre os quaes uns doze condemnados á morte.

Os presos receberam a grande tragica ao toque da *Marselheza*, executada por uma orchestra de bons artistas presidiarios. Improvisou-se o palco e representou-se a peça de *Maurice Bernardt* e *Henri Cain: La nuit de Noël sous la Terreur*, em que a extraordinaria actriz mostrou mais uma vez as scintillações do seu inconfundivel talento.

Um dos condemnados, *Abraham Ruef*, que fala e escreve correctamente a lingua de Hugo, ao mesmo tempo que entregou a *Sarah Bernardt* uma melodia—*Par delà le sommet des collines*, composta pelos artistas reclusos, leu-lhe uma extensa allocução por elle escripta, terminando por pedir-lhe licença para lhe beijar a mão. A boa senhora acquiesceu logo, com um indizível contentamento dos desgraçados, que durante alguns minutos puderam esquecer a sua horrorosa situação.

Eis como aquelle sublime coração exprimiu o sentimento que lhe causou o acto que acabava de praticar: «Senti uma sensação estranha ao ver fixados em mim, com um brilho extraordinario, esses milhares de olhos, muitos dos quaes não mais verão a luz da liberdade, e outros ha que dentro em pouco vão entrar na obscuridade da morte. Se soubesseis o prazer que sinto de ter podido dar um pouco d'illusão a essas creaturas, durante alguns momentos! Hei-de apontar este facto nas minhas *Memorias*.»

Já que estamos no *Novo Mundo* e nos occupamos de cousas de França, diremos que desde 25 de março se fazem communicações pela *telegraphia-sem fios* entre o porto de *Arlington*, perto de *Washington*, e a *Torre Eiffel*, numa distancia de sete mil kilometros. Uma missão franceza, que ha pouco partiu para a America, vae, por meio da T. S. F., determinar a longitude exacta de *Washington*, começando os seus trabalhos logo que as circunstancias atmosfericas o permittam.

A *electricidade* e o *aeroplano*, eis os dois grandes factores do progresso no seculo actual; a elles se sacrificam muitas vidas, e de dia para dia augmenta a legião dos que se propõem servi-los com toda a grandeza do seu engenho e da sua coragem.

A *avição* entrou no campo verdadeiramente pratico, e, mais do que isso, é considerada um elemento indispensavel, para a defesa nacional. Em todas as nações onde se cuida da preparação para a guerra, vemos que um avultado numero de seus officiaes se consagram ao arriscado problema da aviação, em que muitos perdem a vida.

Ainda no dia 28, em *Verdun* (França) o tenente *Bresson* foi victima do seu arroj. No mesmo dia, em *Tokio* (Japão),



O NOVO REI DA GRECIA CONSTANTINO XII

morreram tambem dois tenentes—*Tokuda* e *Kimura*—cahidos d'uma altura de mil pés, quando recolhiam aos *hangares*, depois d'uma digressão aerea constituida por uma esquadra de um dirigivel e quatro aeroplanos. Como se vê, o Japão imita o que fazem a França, a Alemanha e a Inglaterra.

Se é arriscado o mister de aviador, sujeito a tão grandes e inesperados perigos, não o é menos o officio de rei e de ministro, que são os bodes expiatorios da má sorte de estas creaturas, que se julgam desgraçadas pela errada orientação de uns e de outros. Foi assim que, como dissemos já, *Skinas* poz termo á vida do rei Jorge da Grecia, cujo throno já está occupado por seu filho Constantino XII, que no dia 21 fez o juramento de fidelidade á *Constituição hellenica*.

Em *Shanghai* foi assassinado tambem o ex-ministro de agricultura *Sung-Chiao-len*, quando ia partir para *Pekin*. A sua morte tem grande importancia, porque *Sung-Chiao* era o chefe dos nacionalistas unidos, que tinham a maioria no parlamento chinês, onde se trabalha a favor da eleição presidencial de *Iuan-Shi-Kai*.

Estes tinham certamente vontade de viver porque a vida lhes sorria. Outro tanto não se dava com o principe austriaco *Vicente de Windisch Graetz*, adido militar da Austria junto do Quirinal, o qual se suicidou com um tiro de revolver. Tinha 31 annos e era filho do principe *Alfredo de Windisc Graetz* e da priacesa d'*Anersperg*.

De morte natural, apoz oitenta annos de activo esforço em prol do engrandecimento da poderosa Inglaterra, acaba de fallecer o grande general *Garnet Joseph Wolseley*, que se tornou notavel nas guerras de *Burmesa*, da *Crimea*, da *India*, da *China*, *Kead River*, *Egypto*, na expedição d'*Ashanti* e foi marechal

do exercito inglês. O parlamento inglês galardoou-lhe os relevantissimos servicos, dando-lhe os titulos de barão e de visconde e, o que é melhor, presenteando-o por varias vezes com dinheiro. Duma vez recebeu 25:000 libras (foi depois da campanha do *Ashanti*—em 1873-74) e d'outra 30:000 (depois da campanha do *Egypto*—1882). Citam-se ainda hoje estas palavras proferidas por *Wolseley* diante dos cadetes numa certa occasião:—*Yf you wish to get on you must try to get killed*; o que se pôde traduzir: «se queres ser bom militar, não deves temer a morte».

A Inglaterra perdeu agora tambem a grande escriptora *Dorothy Nevill*, filha de *Horatio Walpole* e descendente de *Horace Walpole*, e que esteve em intimas relações com o grande *Duque de Wellington*, com *Napoleão III*, antes de ser imperador, e com *Disraeli*.

O principe herdeiro da Inglaterra tem andado a visitar a Alemanha, em missão de estudo. Tambem o ministro da marinha *Churchill* fez uma

digressão pela França, o que lhe proporcionou decididas manifestações dictadas pelos sentimentos da *entente anglo-francesa*, que mais se avigora com as circunstancias actuaes em que a preparação para a guerra occupa as atenções da Europa, de cujos destinos é arbitro o imperador *Guilherme da Alemanha*, agora muito em fôco, porque esta nação tomou a iniciativa do augmento do seu exercito, dirigindo as suas vistas para as fronteiras de este e d'oeste. A França, cuja população, de cerca de 40 milhões, não pôde equilibrar a da Alemanha, que é



A NOVA RAINHA SOPHIA, DA GRECIA EM UNIFORME DE GRANADEIRO DA GUARDA

de 65 milhões, voltou ao *serviço militar de tres annos*, projecto que tem provocado larga discussão, estimulando o sentimento patriótico nacional. O parlamento francês vai decerto apprová-lo, com a recusa dos socialistas.

A questão da *representação proporcional*, que ha muito preoccupa o governo francês, originou a queda do *ministerio Briand*, constituido, apoz a eleição do sr. Poincaré e que, estando em minoria no *Senado*, teve que demittir-se, sendo chamado o sr. *Luis Barthou*, que era ministro da justiça e vice-presidente do ministerio Briand. Parece que a sua duração não será longa attendendo a que depois da interpeação sobre a composição do governo, este obteve 222 votos favoraveis contra 162, havendo 164 abstenções. A nomeação do sr. *Stéphen Pichon* para a pasta dos estrangeiros foi bem recebida, havendo tambem muito a esperar da acção do sr. *Delcassé* como representante da França junto do Czar da Russia.

Entre a França e a Russia se fez agora um traço de ligação por via aerea, sendo seus auctores o sr. *Rumpelmayer* e madame *Galdschmidt*, que no balão *Stella* realizaram uma arriscada viagem de 2:400 kilometros em 41 horas, tendo partido de *Lamotte-Breuil* (Compiègne) e descendo em *Voltzky-Yar*, povoação

rusa, situada a 50 kilometros a este de *Kharkow*. Ao atravessarem a fronteira austriaca sentiram sibilar as balas dos soldados vigilantes das fortalezas; resistiram ao abaixamento da temperatura a 12 e 15 graus negativos, quando attingiram 5:500 metros d'altitude, onde se serviram do oxygenio contido em tubos de que se haviam munido para aquella temerosa travessia. O povo russo acolheu os aviadores com demonstrações de alegria e de curiosidade, senão de espanto.

Madame *Goldschmidt* foi objecto de grande admiração por parte dos camponezes, que, qual *S. Thomé*, chegaram a palpar lhe os braços, afim de se certificarem que aquella *ave* era realmente uma mulher, digna filha de *Eva*! A viagem, que na ida fizeram em 41 horas, levoulhes na volta, em comboio de marcha rapida, nada menos de tres dias!

Muito feliz foi tambem o aviador *Edmond Perreyon*, que bateu o *record* da altura, posto a 5:600 metros por *Garros* em Dezembro ultimo. *Perreyon* partiu do aerodromo de *Buc* (França) subindo a 6:000 metros, em menos d'uma hora, num monoplano *Blériot*. A descida foi feita em 12 minutos. A partir de 4:600 metros teve que recorrer ao oxygenio, para poder resistir ás vertigens e zumbidos nos ouvidos. Esta *performance*

representa um grande aperfeiçoamento do aparelho de *Blériot*, o glorioso vencedor da *travessia da Mancha*.

Dessas alturas podem os aeroplanos fazer grandes danos nas fortalezas e nos campos de batalha, sem serem attingidos pelos canhões assestados cá da terra. Já isso se verificou na *guerra dos Balkans*, que na sua segunda phase, apoz o golpe joven turco, tem apresentado momentos bem decisivos, taes como o da tomada de *Janna* e de *Samos*, pelos gregos, e agora de *Adrianopla*, que afinal cahiu em poder dos bulgaros e servios, depois d'um cerco de 153 dias, o mais memoravel depois do de *Plevna*, na guerra russo-turco de 1877.

*Adrianopla*, cuja resistencia foi a causa da inefficacia das negociações de Londres, e a cuja cedencia se oppuzeram os jovens turcos, que tomaram o poder decididos a fazerem um esforço desesperado para que o imperio não perdesse a cidade heroica, *Adrianopla*, a capital do imperio ottomano de 1361 a 1453, a joia turca durante 552 annos, defendida tão valentemente por *Chukri-pachá*, está pois em poder dos alliados desde 25 de Março!

3—IV—913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA

## CONCERTOS

### Salão Central

Promovido pela distincta amadora *Mademoiselle Fortunata Levy*, realisou se n'este salão um magnifico concerto em que tomaram parte *D. Fortunata Levy*, *D. Hermengarda Pereira*, *D. Maria Antonia Bureau*, *Carlos Ferreira*, *Guilherme Bizarro* e *João Passos*, e o sextetto do salão.

Este sextetto executou brillantemente a *ouverture* de *Freischutz*, o *Peer Gynt*, e a *marcha da Damnação*, sendo muito ovacionado.

Ouvimos alguns discipulos da conhecida professora de canto *Madame Penchi*, que alcançaram grandes e merecidas ovações, assim como ouvimos a sr.<sup>a</sup> *D. Hermengarda Pereira*, que possui uma linda voz de meio soprano, verdadeiramente teatral! O sr. *Guilherme Bizarro* que foi muito aplaudido pela sua bem timbrada voz de tenor, e bella escola de canto, como revelou em varios trechos d'opera.

*D. Fortunata Levy*, já nossa conhecida, cantou muito bem a romanza de *Loreley* de *Catalani*, um trecho de *Massenet*, *Libro santo*, a *Aida*, duetto com o tenor sr. *Bizarro*.

A sr.<sup>a</sup> *D. Maria Antonia Bureau*, é uma violinista com disposições, que com mais tempo de estudo hade obter resultado.

O distincto violoncelista *João Passos*, revelou mais uma vez as suas primorosas qualidades de concertista, no *Caprice* de *Dunkler*, e no *Scherzo* de *Van Goens*, recebendo ovações justas.

Em resumo, foi uma bella tarde de boa musica.

### Salão da Trindade

Grande concerto d'orchestra sob a direcção de *José Henrique dos Santos*

Sahimos deveras satisfeitos d'esta notavel tarde d'arte por dois motivos, o primeiro por termos ouvido e apreciado uma notavel composição portugueza, o *Poema Symphonico* de *João Arroyo*, e o segundo por podermos asseverar mais uma

vez que temos artistas portuguezes com aptidões bastantes para dirigirem uma orchestra. Já ha muito tempo que a execução d'esta brilhante obra de *João Arroyo* era o assumpto favorito nos nossos meios artisticos! *João Arroyo*, o notavel compositor, um dos temperamentos mais artisticos que possuímos, o glorioso auctor do *Amor de Perdición*, não necessita de elogios triviaes, bastará sómente apontar se o seu nome para que o elogio fique feito. O *Poema Symphonico* que é dividido em quatro partes: *Le flirt*, *L'âme chante*, *Ciel d'orage* e *Les noces*, são paginas de musica orchestral deveras suggestivas; o auctor atravez da successão da ideia conductora da obra, tradu-

duziu pelas combinações das notas, varias phases da vida de todos os dias, offerecendo-nos um quadro verdadeiramente impressionista!

O notavel maestro *José Henrique dos Santos*, que estudou com criterio a partitura, pôl-a a executar pela orchestra com raro brillantismo e grande colorido. No final da peça, que occupou toda a segunda parte do concerto, assistimos ás maiores ovações, *João Arroyo* foi muito victoriado e chamado ao lado de *José H. dos Santos*. Os numeros do *Poema*, *L'âme chante* e *Les noces* foram bisados com os mais calorosos applausos.

O resto do programma, com obras de *Bizet*, *Mozart* e *Ricardo Wagner*, foi executado com brillantismo. Destacaremos o violinista *Parsini* pela fórma como tocou o pequeno solo na segunda parte do *Poema Symphonico*.

Foi uma tarde de bella arte, que honra a empresa d'este Salão.

### Festa artistica de Madame Mantelli

Está se preparando para fins d'este mez no *theatro da Trindade*, o concerto annual d'esta distincta professora de canto com um programma muito bem elaborado. Entre outros numeros, teremos uma scena da opera *Cavallaria Rusticana*, com as personagens vestidas a caracter e com orchestra, e um quadro da opera *Lucia*.

A. P. S.



JOÃO ARROYO

## PELOS TEATROS

### Nacional

Na passada quinta feira subiram á scena neste teatro três originaes portuguezes, aos quais nos não é possivel referirmo-nos de talhadamente como era de nossa vontade.

Fôram êles *A herança*, acto em verso de *Lopes de Mendonça*, *Codigo Penal*, art.º \*\*\*, um acto de *André Brun* e *Duelo de amor*, acto em verso de *Silva Tavares*.

A primeira destas peças, cujo autôr tem um nome illustre e bem conhecido no teatro, está escrita em belos versos, e o seu



D. FORTUNATA LEVY

enredo é de uma grande simplicidade. Sómente nos parece que a linguagem é demasiado elevada para as condições das personagens. O poeta ultrapassou o dramaturgo. Por motivos imprevistos não nos foi possível assistir à representação das outras duas peças, não podendo assim apreciá-las pelo seu justo valor.

### Ginásio

Nos últimos tempos a produção dramática em rido escassa entre nós, mórmente em obras de valor, que não aquelas com as quaes é uso empregar benevolencia por serem sómente ensaios ou manifestarem uma tendencia mais ou menos acentuada para o teatro e qualidades aproveitaveis sem serem, contudo, perfectas. Por muitas belezas disseminadas aqui e além que se encontrem em tais obras nunca lhes podem dar ao todo a força impressionante que necessita para as impôr à nossa admiração.

Na obra dramática terão de caminhar a par a ideia e a forma, sem o que a representação se tornará um arremedo da arte.

Foi essa aliança perfeita que encontrei na peça do sr. Vasco de Mendonça Alves, que ora se representa neste teatro e cujo titulo é *A Conspiradora*. Vasco de Mendonça teve uma ideia nobre e com o seu talento invulgar, com os seus poderosos recursos de dramaturgo, ponde revesti-la da mais pura linguagem portugueza e das condições essenciaes para a scena, sem empregar contudo os expedientes a que tão habituados estamos.

A sua maneira é aquella que à primeira vista nos prende sem nos excitar, sem que os nossos nervos padeçam. Mostra-se o autor de uma originalidade absoluta, vendo-se que pôz neste trabalho o seu mais intimo sentir e direi até um grito de revolta. E' nestas obras *sentidas* e expontaneas que se manifesta bem a individualidade.

Fixou o autor o assunto da sua obra nesses episodios frequentes nas lutas entre liberaes e miguelistas, que temos ainda tão presentes na nossa imaginação quando menos por os termos ouvido contar a pessoas velhas da familia. Lutas sem tregoa que terminaram pela vitória dos partidarios de D. Pedro, à custa de mil sacrificios e muitas vidas daqueles que não podiam estar sob o jugo de um despotismo feroz insustentavel. Quando não existe um principio de ordem e de justiça o se exerce uma tirania humilhante para os povos, estes es-

forçam-se sempre por se desembaraçar dela, sacrificando para isso tudo o que lhes é caro, sabendo de antemão que doutro modo só poderiam gosar de uma quietação muito relativa que lhes custaria o preço da sua consciencia, afóra as consequencias materiaes.

Defendem-se os governos tiranicos e opressivos com todos os recursos de que dispõem, mas a causa dos oprimidos acaba sempre por vencer. Conspira-se. Nas sombras ha vozes de extermínio. A virtude exalta-se então pela abnegação e pelo sacrificio. Mas isso é reprimido, a ordem social exige. Quantas torturas, quantos sofrimentos, todo um estendal de miséria, de desgraça, de horrores. Os homens sentem-se feridos nos seus sentimentos mais intimos e se são nobres reagem. Manifesta-se essa aspiração veemente de Liberdade: o principio de ordem.

Ocupa-se, portanto, esta peça dêsse estado comum em que por causas multiplas se encontram os povos em determinadas circunstancias e que os conduz a recursos extremos e penosos. As conspirações sejam quias fôrem tem a mesma base, a mesma origem e os mesmos efeitos. Elas não são de ontem ou de hoje, são de todos os tempos. O seu fundo é puramente humano, inalteravel. Só elas são a causa de mil sacrificios e de sofrimentos indiziveis. Tudo isso é descrito com côres vivas na peça de Vasco de Mendonça.

O autor generaliza, cria um *tipo*, alcança um dos mais profundos arcanos do sentimento humano, fazendo brotar instintivamente a piedade que raro aparece por lho impedir o odio, a cegueira dos homens de ambições desmedidas e egoismo irredutivel.

Em face dêsste alto vôo, pelo qual felicito muito sinceramente o autor, a acção da peça é secundaria. Dela colhemos (nós, os espectadores) a ideia elevada que conduziu o autor, e que aparecendo-nos tão nitida, não o poderia ser se a forma que a revestiu não fôsse perfeita. Está delineada com mestría e desenvolve-se sem que a menor desarmonia se faça notar. As personagens estão descritas maravilhosamente e algumas ha, se não todas, que são admiraveis de graça e de verdade. Se todos esses predicados encontramos na peça



GUILHERME BIZARRO

de Vasco de Mendonça, de forma a podermos considera-la como uma das melhores produções dramaticas destes ultimos tempos, outro tanto temos a dizer da sua representação, que nos deixou uma impressão inolvidavel.

Lucinda Simões, a insigne actriz, que durante toda a época tem sido a directora de scena dêsste teatro, desempenhou a protagonista, dedicando ao seu papel todos os seus maravilhosos recursos e dando-lhe um relevo devéras singular. Em-

polga-nos o seu trabalho como actriz e como directora de scena. E' difficil descrever todos os cuidados, todas as minuciosidades que deram à peça um desempenho impecavel. Analisando os detalhes minimos empregariamos um tempo infinito.

Em cada gesto, em cada movimento, na colocação de um movel, nas coisas mais simples encontramos o cuidado proficiente de Lucinda. Pois se essas coisas nos aparecem com tal cunho de verdade, tão reais, para que nos havemos de dar a uma analyse que não tem outro fim senão o de mostrar a perfeição suprema, se nós a encontramos naquilo que está presente aos nossos olhos e na forma mais elevada que imaginar se possa.

Não foi só o duplo trabalho primoroso de Lucinda que deu relevo à representação, mas tambem o de todos os interpretes entre os quaes é justo destacar, pela importancia dos seus papeis e pela forma como os desempenharam, Adélia Pereira, no delicioso papel de Clara, Zulmira Ramos, Pato Moniz e Alves da Cunha. Todos os outros muito bem.

A. DE MELLO E NIZA.

### Pensamentos

Saber como as cousas deveriam ser — é de um homem de bom senso; como ellas são — é de um homem experimentado; como se deviam mudar para melhor — é de um homem de genio. — *Diderot*.

O prazer da vingança dura, apenas, um momento; o da clemencia é eterno. — *Henrique IV*.

Deus não deu barbas ás mulheres, porque reconheceu que estas não poderiam estar caladas, quando se barbeassem. — *Alexandre Dumas*.

Alegria certa candleia morta.



MADAME PENCHI



## TEATRO NACIONAL

«A HERANÇA» — «CÓDIGO PENAL, ART. . . .» — «O DUELO DE AMOR». PEÇAS EM UM ACTO POR LOPES DE MENDONÇA, ANDRÉ BRUM E SILVA TAVARES



TEATRO DO GINÁSIO — «A CONSPIRADORAS» — 3.º ACTO, NA CASA DE BEMFICA: «SURPREENDIDOS...»

## Reivindicações históricas

## Estudos sobre os Farias, de Barcellos

A propósito do livro *Ninharias* (1) do sr. José de Azevedo e Menezes.

Entre os feitos illustres do século XIV, que a história de Portugal rememora, conta-se a prisão e morte trágica, em 1373, do glorioso alcaide Nuno Gonçalves de Faria, por occasião da entrada no Minho de um exercito castelhano, en-

a Pero Rodrigues Sarmiento que o mandasse levar ao castello, e que elle diria a seu filho, que nelle ficara, que lh'o entregasse; Pero Rodrigues foi d'isto mui ledo, e mandou que o levassem logo e elle chegando ao pé do logar, chamou por o filho, o qual veiu depressa, e elle em vez de dizer que desse o castello aquelles que o levaram, disse ao filho em esta guisa:

«— Filho, bem sabedes como esse castello me foi dado por El-Rei Dom Fernando meu senhor, que o tivesse por elle, e que lhe fiz por elle me-nagem; e por minha desaventura eu sahi d'elle, cuidando de o servir, e sou ora prezo em poder de seus inimigos, os quaes me trazem aqui para te mandar que lh'o entregues; e porque isto é cousa que eu fazer não devo, guardando minha lealdade, porém te mando sob pena de minha

téla a sublime tragedia, que illuminou a história pos ultimos tempos medievais. Esse trabalho, de um alto valor artistico, ornamenta a escada da Casa do Jardim, em Barcellos, do sr. José de Beça e Menezes, venerando e primoroso cavalheiro que á nobreza do sangue allia a fidalguia das acções, em que se distinguem as do culto pela sciencia e pela arte. Honrando a memoria do seu afastado e glorioso avô, Nuno Gonçalves de Faria, fez reviver na téla o acto heroico em que este perdeu a vida.

O assumpto do quadro — *Defeza do castello de Faria* — é grandemente empolgante e suggestivo.

Na illustrada opinião do sr. José de Azevedo e Menezes, a quem se deve a vulgarisação pela photogravura da formosa obra d'arte, que enri-



A DEFEZA DO CASTELO DE FARIA — Quadro historico pelo professor E. Condeixa

trada esta que coincidiu com o maior aperto do cerco que então soffria Lisboa.

Ouçamos Fernão Lopes, o patriarcha dos nossos historiadores, que assim conta o caso:

«O bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso nesta peleja que ouvistes, tendo em grande sentido do castello de Faria, que deixara encomendado a seu filho, cuidou aquillo que razoavelmente era de presumir; a saber, que aquelles que o tomaram o levariam ante o logar, e dando-lhe alguns tormentos ou ameaça d'elles, que o filho vendo-o, haveria piedade d'elle e seria movido a lhes dar o castello. E porque não tinha maneira como o d'isto o pudesse perceber, disse

«benção que não o faças, nem o des a nenhuma pessoa se não a El-Rei meu senhor, que m'o deu, ca por te perceber d'isto, me fiz aqui trazer; e por tormentos nem morte que me vejas dar, não o entregues a outrem, senão a El-Rei meu senhor, ou a quem t'o elle mandar entregar por seu certo recado.»

«Os que o preso levaram, quando isto ouviram, ficaram espantados de suas razões, e perguntaram-lhe se dizia aquillo de joga, ou se o tinha na vontade; e elle respondeu que para o perceber d'isto se fizera alli trazer, e que assim lh'o mandava sob pena da sua benção. Elles tendo-se por escarnidos, com queixume d'isto, em presença do filho o mataram em essa hora de crueis feridas, e não cobraram porém o castello.»

Um pintor contemporaneo, o sr. Ernesto Ferreira Condeixa, consciencioso professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa, reproduziu na

quece o seu precioso volume intitulado *Ninharias*, cuja publicação festejamos neste artigo, o quadro de Condeixa revela não só a apurada intuição do bello do seu auctor, mas tambem profundo conhecimento das personagens, que animam e movimentam a scena desoladora passada entre o alcaide e o filho! A attitude serena e altiva do primeiro, alanceado já pelos inimigos, e o gesto de desespero do segundo estão superiormente tratados, com desenho seguro e poderoso, com justa combinação de côres e larga documentação de trajos guerreiros. Aquelle soldado de costas voltadas para o observador, prestes a descarregar com a acha de armas o ultimo golpe mortal no valoroso alcaide, é, na verdade, uma das melhores lições de Condeixa.

(Continúa.)

ESTEVES PEREIRA.

(1) NINHARIAS, refutação documentada dos erros commetidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos, por José de Azevedo e Menezes. Famalicão, 1912.

## ROMANCE

Victor Debey

## Amiga Suprema

*(Versão livre autorizada pelo autor,  
por Alfredo Pinto (Sacavem))*

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

*(Continuado do numero antecedente)*

Com ar serio, Anna Le Cozan olhava para Fombreuse com o reflexo do seu coração, habituado a saber calar toda a serie das suas illusões.

— Mas pensa que elle terá um grande futuro? disse ella, como se desejasse ver confirmada a sua ideia.

— Decerto; elle possui a qualidade de meditar bastante sobre a sua obra; espero ainda o milagre d'onde sahirá o seu genio; será do amôr ou da dôr?

Steinbaum contemplou a contora e calou-se. Elle bem notou nos olhos de Anna Le Cozan, pregados em Fombreuse, um olhar azul d'uma limpidez de ternura de veras admiravel. Era um olhar profundo como o oceano, e elle queria descobrir esse laço mysterioso que ia d'um para o outro! Esta attenção perturbou a pureza dos olhos de Anna, que para fugir á analyse bondosa de Steinbaum, dirigiu se para a janella, ainda fechada, e abriu-a.

— Olhe sr. Steinbaum como se vê d'aquí uma grande porção de ceu.

Steinbaum aproximou-se. Pela janella entrava uma frescura agradavel, vendose na semi-obscuridade as arvores do grande jardim que se estendia atravez d'uns enormes canteiros cobertos de relva. O murmurio das folhas era como suspiros dolentes de mysterio. Um silencio reinava n'aquelle recinto, onde havia um perfume da terra cheia de orvalho.

— *Es war, als hätt' der Himmel die Erde still geküsst*, disse Steinbaum, cantolando os primeiros compassos d'um *lied* de Schumann. A cidade de Paris tem lugares de veras aprasiveis. Parecem-me segredos do coração humano, os quaes possuem muito no fundo illusões da mocidade; como se chama este jardim?

— E' um jardim das Missões, respondeu Anna. Não acha um retiro encantador? e quando esses pobres homens partem para os perigos de uma vida de abnegação, devem muitas vezes recordarem-se d'estas sombras tranquillias, d'esta natureza que possui uma linguagem tão suggestiva de mysticismo!

— Um Paraclét na capital! acrescentou elle; e esta grande porção de ceu em vez de nugas que se disfructam atravez das casas altas e das ruas estreitas.

— Fatias de ceu, disse Lescourias, que permanecera por muito tempo sem dizer palavra. Francamente n'esta casa, com esta luz tão tenue, os psalmos e os hymnos possuem a musica das declarações dos corações ingenuos...

— Dos corações disciplinados, interrompeu Steinbaum.

— Lembra se, disse Lescourias, voltando-se para Anna, a primeira noite

que vim aqui mostrar-lhe uma das minhas composições e qual foi a minha surpresa quando ouvi de repente um côro de vozes d'homens entoarem um canticó á Virgem? O canticó em si pouco valia, mas que forma deliciosa de ser executado! Era o mez de Maria, eu estava então nos meus momentos de mysticismo...

— E como está agora? perguntou Anna com uma ponta de malicia.

— Alguem permanecia no coração, disse Lescourias, pondo a mão aberta em forma de leque sobre o peito, uma cabeça de anjo perturbou uma outra...

— Tens ás vezes umas ideias?

— Venero as fraquezas do proximo.

Uma forte gargalhada partiu da janella, era de Fombreuse.

— Que riso de criança! disse baixo Steinbaum.

O chá estava servido. Maria José tinha posto sobre a mesa uma toalha muito branca. Varias peças de louça da Bretanha davam á mesa um aspecto aldeão.

Todos se assentaram.

— Com certeza, disse Anna Le Cozan, irão ter saudades da ceia da sr.<sup>a</sup> Rudennis...

— Mas não do salão, disse Steinbaum, é uma força onde a arte é justicada.

— Sr. Steinbaum um artista sempre lucra em frequenta-lo; faz-se conhecer. Acho que não se deve viver fóra do mundo, existir obscuramente e ter só um nome depois de estar morto, e então ser conhecido pelos discipulos que espalham a sua escola, não acho boa ideia. Olhe Cesar Franck...

— Também a sr.<sup>a</sup> Cozan deverá reparar para a sua obra. Que lucrou ella em ser arrastada, exposta por essas caixas de musica? O genio não precisa da sua approvação.

— Mas o talento tem necessidade muitas vezes de ser naturalizado.

— A sr.<sup>a</sup> Cozan tem razão, disse Fombreuse. A vossa amizade Steinbaum para comigo vos torna talvez injusto para com aquelles que não me apreciaram, e essa frieza vos leva a uma accusação demasiado severa. Se elles não gostaram da minha musica, acho que não é preciso lançar a affronta sobre elles só; talvez a culpa fôsse minha de não me fazer comprehender...

— Mas nós o comprehendemos muito bem, replicou Steinbaum.

— Talvez seja um pouco de amizade, uma voluntaria condescendencia. Não digo isto por modestia, sempre sabemos do nosso valor, mas se o genio pôde desprezar os sufragios contemporaneos, porque cedo ou tarde elle se revelará, o talento que não é senão d'uma epoca não saberá desdenhar a reputação consagrada pelos salões, como os da sr.<sup>a</sup> Rudennis.

— E eu digo-lhe que não meu caro Fombreuse. A opinião d'esse auditorio não vae além das pobres intelligencias que o compõem, e nada valem para os verdadeiros musicos. Que poderá significar a influencia em arte em pessoas cujo cerebro é cheio de futilidades, para não poderem caber as coisas de espirito? Depois de um bom jantar, são metidos em uma sala onde cantores e instrumentistas desfilam diante dos seus estomagos bem cheios de comidas frugaes.

As suas digestões são auxiliadas por qualquer musica, não precisam de musicas que façam pensar. Faz mal o trabalho apoz as comidas, e se têm que pensar um pouco, tornam-se ferozes, e vingam-se com a indifferença estúpida e ridicula.

Assim, vemos homens e senhoras da melhor sociedade fallarem com artistas sobre assumptos insignificantes, môdas, emfim, coisas que a nós artistas nada nos interessam. Poderá esta gente prestar attenção ás obras nas quaes o artista poz toda a sua alma, o seu pensamento, o drama interior da sua existencia?

— Mas elles gostam de musica, disse a sr.<sup>a</sup> Cozan.

— Sim, os seus ouvidos são sensiveis ao ruido agradavel, mas o seu espirito fica muito longe da essencia musical. Gostam da musica superficial, da outra; d'aquella que possui em si qualquer coisa de profundo, não gostam, nem comprehendem...

Ah! as bellas noites que passei em Munich, quatro ou cinco amigos á roda d'um piano, todos amando a *bôa musica!*

— Mas no entanto, sr. Steinbaum, não poderá negar o entusiasmo que ás vezes presenciámos em certos salões.

— E' porque entre os elementos diversos de que se compõe o publico, existem temperamentos ardentes para fazer sacudir as apathias. O contagio do bello conquista os refractarios, e os convencidos levam nas azas da sua admiração aquelles que têm necessidade de socorro para subirem, senão ficariam na terra sem esse *sursum corda* visinho.

*(Continúa.)*

Academia das Sciencias de Lisboa

## HOMENAGEM A CHRISTOVAM AIRES

Foi, em verdade, bastante significativa a homenagem que os empregados da Academia das Sciencias de Lisboa, prestaram ao illustre inspector da bibliotheca sr. Christovam Aires, no dia de seu aniversario natalicio, que passou em 27 de março findo.

Uma festa intima que consistiu na inauguração do retrato do sr. Christovam Aires, no seu gabinete da Academia, onde compareceram os socios srs. dr. Antonio Candido, Pina Vidal, H. Lopes de Mendonça, Edgar Prestage, Victor Ribeiro, Pedro de Azevedo, Alberto Girard e David de Mello Lopes, assim como todos os empregados da bibliotheca, aguardando a chegada do homenageado, para o qual foi surpresa a festa que o esperava.

Reunidos todos no gabinete, assumiu a presidencia o socio sr. Pina Vidal, secretariado pelos srs. Alvaro Neves e Francisco Vasques, pronunciando aquelo um breve discurso, em que realçou o valor e os serviços prestados pelo sr. Christovam Aires á bibliotheca da Academia, terminando com os seguintes periodos:

«Do homem que abriu a alma aos esfluvios do Bom e do Belo, da Verdade e do Amor; do patriótico militar, do poeta cantor das lindas mulheres e das louras criancinhas, do paciente investigador, melhor do que eu, vós doutos senhores o sabeis cantar. A sua obra grande, rica e estimada serve de pedestal á nossa apoteose. Engrinaldamol-a de flores porque os poetas amam as flores. Cobril-a de flores é coroar o trabalho que nobilitou s. ex.<sup>a</sup>. Trabalho que representa a sua vida, vida de exemplo e estímulo aos novos.

A expansão desta bibliotheca tem sido na inspeção de s. ex.<sup>a</sup>  
Esse grande serviço á patria e ás letras, vós o conheceis pelo ultimo relatório.





NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
A HOMENAGEM AO SR. CHRISTOVAM AIRES

Em nome do pessoal oferecendo á Academia o retrato de s. ex.<sup>a</sup>, perpetuamos a sua passagem por esta bibliotéca e assinalamos a nossa gratidão e amizade.

Saude-mos, pois, o academico illustre, o poeta laureado, o estimado inspector, o nosso bom e querido amigo pelo seu aniversario natalicio.»

Depois deste discurso foi descerrado o retrato pelo sr. Pina Vidal, acto que foi acolhido por uma salva de palmas.

Como se vê da gravura, o retrato metido numa rica moldura estava colocado sobre uma colgadura carmezim, decorada de palmas, heras e flores, vindo-se em baixo, num canapé antigo, dispostos entre avencas, rosas e lilizes, as obras de Christovam Aires.

Pronunciaram, ainda, discursos alusivos ao acto os srs. dr. Antonio Candido, Lopes de Mendonça e Alberto Girard.

O sr. Christovam Aires, em palavras comovidas, agradeceu a homenagem que lhe prestavam os seus colegas, associando-se aos empregados da bibliotéca, que assim lhe quizeram dar provas de muita estima, como promotores daquela festa.

## VERDI

1813-1913

Palestra por Alfredo Pinto (Sacavem)

A convite de Madame Eugénia Mantelli, realiso o nosso presado collega sr. Alfredo Pinto (Sacavem) uma conferencia sobre Verdi, que foi escutada com prazer por um seléto auditorio, como aqui se deu noticia em o n.º 1232 desta revista de 20 do mez passado.

Esta conferencia, a que o autor modestamente chama palestra, foi impressa em um belo folheto de 22 paginas, de que nos ofereceu um exemplar com amavel dedicatória que muito agradecemos.

O sr. Alfredo Pinto começa por esboçar em ligeiros quadros as belezas naturaes da Italia, esse paiz privilegiado da arte, em todas as suas mani-

festações, e no qual nasceu o grande compositor Verdi, em Roncole, provincia de Parma, a 10 de outubro de 1813.

Descreve a vida de Verdi, desde a infancia em que logo mostrou a sua grande tendencia para a musica. Fala da extraordinaria operosidade do grande maestro, que aos 80 anos ainda produzia obras como a *Aida* e o *Othello*. Como as suas operas correram mundo e se popularisaram, especialmente o *Trovador*, o *Rigoletto* e a *Traviata*. Referindo-se á musica sacra, cita em especial a *Missa de Requiem*, executada na igreja de S. Marcos de Milão, em 1874, no primeiro aniversario da morte de Manzoni.

Verdi, morrendo a 27 de janeiro de 1901, cobriu a Italia de luto, pois sua perda ainda não foi compensada e difficilmente o poderá ser. O genial maestro toda a vida amou os pobres e deles não se esqueceu para lhes deixar algum amparo, fundando o Hospital de Villanova e a Casa de Repouso para Musicos Pobres.

De tudo isto deu noticia em sua palestra o sr. Alfredo Pinto, mostrando bem quanto conhecia a vida de Verdi e a sua grande obra no que, de resto, prova quanto se dedica a estes estudos, que mais o interessam.



ALFREDO PINTO (SACAVEM)



EXPOSIÇÃO DE RENDAS E BORDADOS DE M.<sup>ms</sup> JULIETE, NO SEU «ATELIER»

Esta linda exposição constituiu para as senhoras da elite de Lisboa um dos bons atractivos, que nos ultimos dias, as convidou a visitar o «atelier» de M.<sup>ms</sup> Juliete, na Avenida Almirante Reis, 22, e a apreciar as delicadas rendas e bordados expostos ali executados a primor. Entre a variedade dos trabalhos apresentados, notava-se um manto de setim azul primorosamente bordado a ouro, feito por encomenda para uma igreja de Pernambuco. Muitos dos artefactos expostos foram adquiridos pelos visitantes.



O CAVALHEIRO TAURAMAQUICO MANOEL CASIMIRO D'ALMEIDA

## Os cavalleiros Casimiro

São duas figuras em destaque na tauromachia portugueza.

Cavalleiros tauromachicos de incomparavel valor e cavalheiros em toda a extensão da palavra, impõem-se pelo seu merito á aficção em particular, como pelo fino e bello trato á consideração do publico em geral.

Manoel Casimiro é um artista distincto, tendo um nome glorioso nos annaes taurinos. A sua fama vae de Portugal a Hespanha, e atravessa os Pynéos, onde é apreciadissimo.

José Casimiro, seu filho dilecto, honra o nome glorioso do pae. E' presentemente o artista que com mais distincção cultiva a nobre arte de Marialva, é o unico toureiro que tem, agora, o poder de arrebatrar as multidões.

A tarde de 6 de abril, em que os lau-

reados artistas fizeram a sua reaparição no Campo Pequeno, ficou assignalada, memoravel, tanto para José Casimiro, honra e gloria do toureiro nacional, como para seu pae, que de novo tiveram ensejo de vêr como são queridos e apreciados do publico.

C. AL.

## O café de Suvata

(De Bernardino de Saint-Pierre)

(Continuado do numero antecedente)

Todos se calaram. O discipulo de Confucio — tirando as mãos das largas mangas do seu kimono e cruzando-as no peito — concentrou-se um pouco e disse com voz suave e ponderada:

— Senhores, permittam-me que lhes diga que é a ambição a unica cousa que

impede, em tudo, o accôrdo entre todos os homens. Se têm paciencia para me ouvir, vou citar-lhes um exemplo que ainda tenho de memoria. Quando deixei a China para vir a Suvata, tomei lugar a bordo de um navio que dava a volta ao mundo. Fazendo-nos de vèla, lançámos ferro na costa oriental de Sumatra. Ao meio-dia puzemos pé em terra, com alguns tripulantes, e fomo-nos sentar á beira-mar, perto de uma aldeola, sob uns coqueiros a cuja sombra descansavam uns homens de diversos paizes. Havia ali um velho que cegava á força de querer fitar o sol. Tivéra a louca ambição de comprehender-lhe a natureza afim de apropriar-se da sua luz. Tentava todos os meios de optica, de chimica e mesmo de necromancia, para encerrar um dos seus raios n'uma garrafa; nada conseguindo, dizia: a luz do sol não é um fluido porque não pôde ser agitada pelo vento; não é um solido, porque não pôde cair aos boccados; não é fogo, porque não se extingue na agua; não é um espirito, porque se vê; não é um corpo, porque não se pôde manejar; não é um movimento, porque não agita os mais ligeiros corpos: enfim, não é nada! Por fim, á força de olhar o sol e de discorrer ácerca da sua luz, não só perdéra a vista, mas, o que é peor, perdéra a razão suppondo que não era a vista que lhe faltava, mas o sol que não existia no universo. Tinha, por guia um negro que, fazendo sentar o amo á sombra de um coqueiro, tomara um côco e com a casca fez uma lamparina; a mécha com o miolo, e a espremer do fructo algum oleo para a lamparina. Emquanto o negro se entretinha por esta fórma o cego disse-lhe suspirando:

— Não ha outra luz no mundo?

— Ha a do sol! — respondeu o negro.

— Que é o sol? — tornou o cego.

— Não sei — respondeu o negro.

Sei apenas que quando nasce, começo eu a trabalhar; e quando desaparece no horizonte descanço eu. A sua luz interessa-me menos que a d'esta lamparina que allumia a casa: sem ella não podia servil-o de noite.

— Então, mostrando o côco, accrescentou: — Este é o meu sol. — Ao ouvir taes palavras, um aldeão, que andava em muletas, poz-se a rir, e, julgando que o cego o era de nascença, disse-lhe:

— Fica sabendo que o sol é um globo de fogo que se ergue todos os dias do mar e se occulta todas as tardes do occidente, nas montanhas de Sumatra. E' o que veria, como todos nós, se tivesse vista.

Um pescador tomou a palavra para dizer ao cego: — Bem se vê que nunca saiu da sua terra. Se tivesse pernas, daria uma volta pela ilha de Sumatra e saberia que o sol não se occulta por detraz das montanhas; sae todas as manhans do mar para onde volta á tarde a refrescar-se; é o que vejo todos os dias ao longo da costa. — Um habitante da pseudo-ilha da India dirigiu então ao pescador estas palavras: — Como é que um homem que tenha o juizo todo pôde vêr

que o sol seja um globo de fogo e que todos os dias sae do mar e torna para elle para se refrescar? Saiba, pois, que o sol é uma *deusa* — ou divindade de um paiz — que percorre todos os dias o ceu n'um carro, dando uma volta pela montanha de ouro de Mersuwa; que, quando se eclypsa, é engulido pelas serpentes Ragü e Kitü, e só é liberto pelas orações dos indios das margens do Ganges. E' uma ambição bem louca para um habitante de Sumatra acreditar que só luz no horizonte da sua ilha; só no cerebro de um homem que só viaja em barco. — Um lascarino, commandante d'um navio mercante, que ali aportara, teve occasião para falar: — E' uma ambição ainda mais louca crêr que o sol prefere a India a todas as nações do mundo. Viajei no mar Vermelho, percorri as costas da Arabia, de Madagascar, as ilhas Molucas e as Filipinas: o sol illumina todos esses paizes. Não dá volta sobre a montanha, mas nasce nas ilhas do Japão que — por este motivo — se chama Japão ou Gué-puen, nascimento do sol; e desaparece muito para o occidente, por detraz das ilhas de Inglaterra. Tenho bem a certeza do que afirmo porque o ouvi dizer a meu avô — ainda eu era creança — que viajava até os confins do mar. — E mais continuaria o pobre, se um marinheiro de tripulação ingleza lhe não cortasse o fio da palestra, dizendo: — Não ha paiz algum em que melhor se conheça o curso do sol como na Inglaterra: pois fiquem sabendo que não nasce nem desaparece em parte alguma. Faz — sem interrupção — a volta ao mundo; e estou certo do que digo porque nós fizemol-a agora e sempre o encontramos.

— Então, um dos presentes, tomando um rotim (1) das mãos de um circumstantes, traçou um circulo na areia, tentando explicar o curso do sol de um a outro tropico; não podendo, porém, levá-lo a cabo, tomou o piloto do seu navio como testemunha de tudo o que queria explicar. Este piloto era um homem intelligente, que ouvira toda a discussão sem proferir palavra; mas quando viu que todos os assistentes se calavam para o ouvir, tomou então a palavra e assim se explicou:

— Todos enganam os outros e são enganados. O sol não gira em volta da

(1) Parte do tronco de uma especie de canna junco da India chamado *rotang*.



O CAVALEIRO TAURAMAQUICO JOSÉ CASIMIRO D'ALMEIDA

terra, mas é a terra que gira em volta do sol, apresentando alternadamente, durante vinte e quatro horas, as ilhas do Japão, das Filipinas, as Molucas, Sumatra, a Africa, a Europa, a Inglaterra e muitas outras regiões. O sol não brilha apenas n'uma certa montanha, n'uma ilha, n'um horizonte, n'um mar, nem mesmo sobre a terra; está ao centro do universo d'onde illumina — acompanhado de mais cinco planetas, alguns dos quaes são maiores do que a terra e muito mais afastados do sol. Entre elles ha Saturno, de trinta mil leguas de diametro e que está distante d'elle duzentas-oitenta e cinco milhões de leguas. Já não falo das luas que emprestam aos planetas afastados do sol a sua luz e que são

em grande numero. Todos fariam ideia do que isto seja, se á noite espraisssem a vista pelo céu e se não presumissem que o sol só brilha em determinado ponto da terra.

Assim se expressou — com grande asombro dos seus ouvintes — o piloto que déra a volta ao mundo e observava o céu.

(Continúa.)

RUY DE ABOIM.



*Ella* — Nunca acceitarei por marido um homem cuja fortuna tenha menos de oito zeros.

*Elle* — Oh! querida! a minha é toda ella feita de zeros.

